



UNILAB
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
CAMPUS DOS MALÊS
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

VALQUIRIA BORGES DE MENEZES

O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA NA
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DAS CRIANÇAS NEGRAS

São Francisco do Conde

2017

VALQUIRIA BORGES DE MENEZES

**O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA NA
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DAS CRIANÇAS NEGRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudilene Maria da Silva.

São Francisco do Conde

2017

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Menezes, Valquíria Borges de.

M513p

O papel da literatura infantil afro-brasileira na construção identitária das crianças negras / Valquíria Borges de Menezes. - São Francisco do Conde, 2017.

51 f: il.

Monografia - Curso de Humanidades, Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2017.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Claudilene Maria da Silva.

1. Literatura infantil. 2. Educação infantil. 3. Literatura infantil afro-brasileira. I. Título

CE/UF/BSCL

CDD 808.899

VALQUIRIA BORGES DE MENEZES

**O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA NA
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DAS CRIANÇAS NEGRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

DATA DE APROVAÇÃO: 28/07/2017

BANCA EXAMINADORA

Claudilene Maria da Silva – Orientadora

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Josyane Malta Nascimento – Examinadora

Doutora em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Carlindo Fausto Antonio – Examinador

Doutor em Teoria Literária e História da Literatura pela Univ. Est. de Campinas - UNICAMP

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Dedico esse trabalho a minha mãezinha Clemilda que tanto amo, e mesmo com toda dificuldade me criou dentro de princípios de retidão, me protegendo e sendo meu alicerce. Ao meu pai Jorge por todo exemplo e presença, aos meus irmãos que estiveram torcendo por mim sempre, e meus sobrinhos lindos que são a maior razão de toda minha persistência, quero que eles cresçam tendo orgulho de mim.

Dedico esse trabalho também ao meu noivo e amor Joilson, que foi o meu maior incentivador, e suportou muitos momentos difíceis ao meu lado sendo muito paciente. As minhas queridas tias que me serviram de espelho para que pudesse enxergar mais longe, em especial Tatiane que com sua bondade e dedicação foi meu maior porto seguro.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram em minha caminhada para efetivação desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Toda honra e glória seja dada a trindade santa, quero primeiramente agradecer a Deus por ter me sustentado, me dado força, equilíbrio e sabedoria no decorrer do caminho.

É com imenso prazer que me sinto eternamente grata a minha professora e orientadora Dra. Claudilene Silva que com sua admirável competência, paciência e compreensão me cativou e estimulou a persistir. A ir além das minhas possíveis forças, a compreender que nosso lugar enquanto negros é onde quisermos chegar e não onde nos impõe.

A toda minha família pelo ambiente de paz, união, carinho, amor e afeto.

Aos meus pais Clemilda Rosa e Jorge da Silva que são minha base, meu maior exemplo de vida.

A todas profissionais pedagogas (Maria Santana, Bianca, Marta Maria) entre outras, que me orgulho por terem passado pela minha vida profissional, na condição de auxiliar de disciplina. Todas somaram de forma proveitosa reafirmando minha escolha profissional, que não acaba nessa conclusão, aqui é só o início da minha grande jornada.

Gostaria de agradecer também às docentes: doutoras Ana Flauzina e Cristiane Souza por ter acrescentado tanta bagagem boa a minha carreira acadêmica, despertando em mim um novo ser humano com grandes questionamentos positivos.

Ao meu grande amor Joilson por acreditar em mim mais do que eu mesma.

As minhas tias por terem sido exemplos na minha caminhada, em especial Tatiane.

As minhas amigas estranhas, como as chamo carinhosamente, por compartilharem comigo tantos momentos ricos e especiais no espaço acadêmico, em especial Lindinalva e Patrícia. Mas, também minhas colegas de turma que fazem parte do grupo de orientação de tcc, em especial Fabiana, que incitou em mim um novo olhar a minha história como mulher negra.

E minha grande amiga de infância e da vida toda Ana Claudia pelo apoio.

Por fim, agradeço a todas e todos que fazem a UNILAB, instituição acadêmica que me possibilitou grandes aprendizados.

No universo literário infanto-juvenil, o pequeno leitor se reconhece ou se estranha nos modelos de ambientes, emoções e personagens transmitidos, já que a produção artístico-literária encena jogos simbólicos.

(PEIXOTO, 2013. p. 81)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Capa do livro: Que cor é minha cor?.....	38
Figura 2	Capa do livro: Minha mãe é negra sim!.....	40
Figura 3	Capa do livro: Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!.....	42

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APCA - Associação Paulista dos Críticos de Arte

DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais

EUA - Estados Unidos da América

FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

USP - Universidade de São Paulo

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso discute o papel da literatura afro-brasileira na construção da identidade das crianças na Educação Infantil, visto que há um certo favorecimento a contos clássicos tradicionais que privilegiam personagens brancos e a cultura europeia. Diante desse contexto monocultural e eurocêntrico, faz-se necessário que a escola enquanto instituição formadora, possa oferecer um ambiente que explore a diversidade cultural e étnica existente no Brasil. Nesse sentido, o eixo central do trabalho, direcionou-se para um questionamento: Como a literatura afro-brasileira pode contribuir na construção identitária e cultural das crianças da Educação Infantil a partir de seus contos, figuras e imagens? E para responder a essa questão elegemos como objetivo geral analisar de que forma a literatura infantil afro-brasileira pode ser utilizada como ferramenta da valorização da identidade racial na Educação Infantil. A pesquisa enquanto processo sistemático de construção do conhecimento possibilita ao pesquisador adquirir informações sobre seu tema de pesquisa, com isso para a realização do estudo em questão, foi utilizada a pesquisa exploratória e o estudo bibliográfico a fim de construirmos uma discussão teórica sobre a temática, por meio da produção acadêmica já disponível: artigos, livros, revistas, teses, entre outros. Através da pesquisa foi possível compreender que a literatura afro-brasileira pode ser utilizada no contexto escolar no intuito de contribuir para a valorização da identidade racial na Educação Infantil, como na aquisição de noções de respeito às diferenças, a diversidade e tolerância.

Palavras-chave: Construção da identidade. Educação infantil. Literatura infantil afro-brasileira.

ABSTRACT

The present work of course conclusion discusses the role of Afro-Brazilian literature in the construction of the identity of children in Early Childhood Education, since there is a certain favor to classic traditional tales that privilege white characters and European culture. Given this cultural monkey and Eurocentric context, it is necessary that the school as a training institution can offer an environment that exploits the cultural and ethnic diversity that exists in Brazil. In this sense, the central axis of the work, was directed to a questioning: How can Afro-Brazilian literature contribute to the identity and cultural construction of children in Early Childhood Education from their stories, figures and images? And to answer this question, we have as a general objective to analyze how Afro-Brazilian children's literature can be used as a tool for the valorization of racial identity in Early Childhood Education. The research as a systematic process of knowledge construction enables the researcher to acquire information about their research theme, with this in order to carry out the study in question, was used the exploratory research and the bibliographic study in order to build a theoretical discussion on the subject, Through the academic production already available: articles, books, magazines, theses, among others. Through the research it was possible to understand that Afro-Brazilian literature can be used in the school context in order to contribute to the valorization of racial identity in Early Childhood Education, as well as in the acquisition of notions of respect for differences, diversity and tolerance,

Keywords: Afro-Brazilian children's literature. Child education. Identity construction.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	ABORDAGEM CONCEITUAL DA LITERATURA INFANTIL	18
2.1	CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL.....	20
2.2	O SURGIMENTO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA.....	23
3	INFLUÊNCIAS DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RACIAL	27
3.1	A DISCRIMINAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA.....	33
3.2	A EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO.....	35
4	POSSIBILIDADES DE TRABALHO PEDAGÓGICO COM A LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA	37
4.1	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE ALGUNS LIVROS.....	37
4.1.1	Que cor é a minha cor?.....	37
4.1.2	Minha mãe é negra sim!.....	39
4.1.3	Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!.....	41
4.2	OUTROS AUTORES E OBRAS DA LITERATURA INFANTIL AFRO- BRASILEIRA.....	43
4.2.1	Elisa Lucinda.....	43
4.2.2	Ana Maria Machado.....	43
4.2.3	Heloísa Pires Lima.....	43
4.2.4	Júlio Emílio Braz.....	44
4.2.5	Lia Zatz.....	44
4.2.6	Rogério Andrade Barbosa.....	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Por trás do processo de leitura existem várias representações pelo fato de produzir comunicação por meio da linguagem, e a literatura é uma grande ferramenta capaz de esculpir suas variadas significações permitindo ao indivíduo a tradução de um mundo histórico e cultural. Atualmente a literatura infantil está atrelada a concepção de infância, bem como formação da própria história.

O primeiro acervo literário para crianças foi elaborado por volta do final do século XVII e durante o século XVIII. Anteriormente não se produzia acervos para crianças, visto que não existia distinção entre crianças e adultos já que ambos compartilhavam do mesmo meio social, não faziam menção ao que hoje chamamos de “infância”, até que surge a necessidade dos burgueses de imputar seus valores como únicos. Isso até hoje vem sendo refletido no caso da literatura infantil brasileira, quando é notório e até explícito a existência de um certo privilégio nos contos clássicos tradicionais de origem europeia, onde no contexto dos livros de histórias infantis só constam como protagonistas personagens brancos prevalecendo os saberes e cultura de uma sociedade europeizada.

Apesar do fato de estarmos em pleno século XXI, e de todos os avanços conquistados desde a época colonial, em busca da independência de uma história por diversas vezes distorcida, o caminho a percorrer ainda é longo, haja vista que a quebra dos estereótipos é uma luta gradativa mediante as marcas da subalternização da população negra e as mazelas atreladas ao passado que nos imputou a um espaço minoritário, nos levando à triste realidade de uma sociedade racista. Nela, as formas de conhecimentos oferecidas às crianças, tanto no ambiente familiar quanto no escolar, são deturpadas e negativas estereotipando nossas crenças e valores. Esta realidade vem se reproduzindo por séculos, por isso é necessário trabalharmos a temática de forma correta para colaborar na interrupção dessa incessante reprodução.

A responsabilidade de desconstruir o racismo é de toda a sociedade brasileira. Mas o papel da escola e dos profissionais da educação que estão em constante estudo, e em constantes avanços, é fundamental para quebrar essa prática. Se auto conscientizando do quanto torna-se não só obrigatório, mas necessário trabalhar com o que a literatura nos oferece sobre a diversidade contemplando diferentes formas de culturas, valores e costumes, criando no ambiente escolar um espaço de excelência que oportuniza outras formas de saber. Se explorarmos de forma justa a riqueza literária afro-brasileira para praticar o exercício do ir além no “educar”, não só para o pedagógico como também para vida, estaremos rompendo com modelos literários prontos que exaltam a criança branca e inferioriza a negra.

O que me levou a essa temática foi a experiência da minha própria infância, uma vez que cresci ouvindo clássicos literários tradicionais. Eram histórias com personagens principais brancos, aliás não haviam personagens negros na história (nem no papel de serviçal como era o caso da tia Anastácia no Sítio do Pica-Pau Amarelo, posição que inferioriza a população negra, já que a sociedade contemporânea acha que a área de serviço é nosso lugar).

Então sempre me perguntei por que não tinha personagens como eu naquelas histórias? Por quê também não tinha grandes acervos literários que tivesse personagens que representassem a minha cor? E por quê minhas professoras optavam sempre pelos mesmos clássicos com uma certa “exclusividade” se meus colegas em sua maioria eram negros tanto quanto eu? Enfim, por total influência dessas histórias, eu acabava reproduzindo aquilo nos meus desenhos e no próprio cotidiano, para tentar me inserir naquela realidade, já que não enxergava uma realidade que me contemplasse.

Sendo assim, a presente pesquisa surgiu de experiências próprias, relacionadas ao exercício profissional enquanto auxiliar de disciplina, que no decorrer das atividades diárias no espaço escolar, lugar onde se pôde notar a ausência do uso de livros afro-brasileiros no momento da contação de histórias e ao mesmo tempo o uso privilegiado dos livros de contos clássicos tradicionais, trazendo-me as memórias de minha infância marcada por um imaginário infantil de princesas brancas que em nada se pareciam comigo ou com minha irmã e a perpetuação dessa linhagem, alimentando em mim um sentimento de inferioridade e revolta.

E hoje, vendo de um outro lado, como auxiliar de disciplina, observando a mesma realidade se repetindo no cotidiano da sala de aula e os alunos usando o famoso lápis “cor de pele”, vejo que mesmo com o pleno vigor do séc. XXI e todos os avanços, não conseguimos superar nem as questões mais simples, no que se refere a essa questão. Se a base da pirâmide não foi resolvida, como podemos chegar ao topo dela com retornos positivos?

A temática apresenta como preocupação central a criança, por ser um sujeito histórico e que em suas interações, relações e práticas diárias dentro do ambiente escolar, vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva. Brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

E nessa perspectiva, surge a problemática em relação a utilização de um novo repertório literário, no caso o afro-brasileiro. Como a literatura afro-brasileira pode contribuir na construção identitária e cultural das crianças negras da Educação Infantil a partir de seus contos, figuras e imagens? A criança é um ser histórico pertencente não só a um meio social,

como também a um grupo étnico racial, que enxerga, sente e vivencia o mundo e tudo ao seu redor de um jeito inédito, estabelecendo suas interações a seu pertencimento, e dentro desse contexto, a literatura como meio de contribuição vem desenvolver relações do conhecer o mundo através dos livros, oportunizando a criança a adquirir conhecimentos que ela não teria acesso por outros meios.

Diante desse contexto, o trabalho tem como objetivo geral: analisar de que forma a literatura infantil afro-brasileira pode ser utilizada como ferramenta da valorização da identidade racial na Educação Infantil. Seus objetivos específicos são: 1 – Identificar a contribuição da literatura infantil afro-brasileira no processo de construção identitária; 2 - Discutir como esse recurso literário pode contribuir com a desconstrução de estereótipos racistas e preconceituosos elevando a autoestima de crianças negras dentro e fora do ambiente escolar; 3 – Apresentar algumas obras e autores que podem ser utilizados no trabalho pedagógico com literatura infantil afro-brasileira.

Partimos do pressuposto de que, com a utilização de contos afro-brasileiros é possível colaborar a construção identitária dos educandos da Educação Infantil, enquanto ser histórico e social; e a realização de projetos que possibilitem a aproximação com referenciais da cultura negra pode contribuir com o seu senso crítico, com sua percepção do pertencimento étnico-racial e com sua formação enquanto cidadão.

Esse projeto se justifica por ser uma exigência acadêmica e pela necessidade de pesquisar, investigar e discutir acerca da problemática que permeia a prática educacional das escolas públicas e privadas de Educação Infantil em relação ao uso exclusivo dos contos clássicos tradicionais durante os momentos da contação de histórias, marcando a ausência dos referenciais da cultura negra no ambiente escolar.

Essas inquietações partiram de observações feitas no cotidiano da sala de aula, onde nota-se que a maioria dos professores ainda privilegia o uso destes contos possibilitando as crianças um envolvimento apenas com representações da estética branca e europeia explícitas nos personagens como príncipes, princesas e heróis que nada se assemelham as características físicas delas e das pessoas a sua volta.

O ambiente escolar deve ser um espaço de diversidade, inclusão e respeito, e muitas vezes tem sido palco principal para manifestações racistas e preconceituosas. Entre 0 e 5 anos, a criança está em fase de transição dentro do contexto da Educação Infantil, no qual encontram bases positivas ou não para a construção identitária de valores sociais e culturais.

A literatura abre um grande leque de possibilidades e diversidades em meio a esse choque de exclusão que ainda notamos não só nos livros, mas também saindo do imaginário

para se fazer real em espaços de poder. Atualmente contamos com um rico acervo literário afro-brasileiro composto por uma série de obras que contemplam personagens negros e os evidenciam, entre elas: “Menina Bonita do Laço de Fita”, (Ana Maria Machado), “A Princesa Violeta”, (Veralindá Menezes), “Minha Mãe é Negra Sim!”, (Patrícia Santana), “Todas as cores do Negro”, (Ariene Holanda).

No entanto, esse acervo literário não está sendo usado na rotina diária de contação de estórias, infelizmente ainda é notório o uso rotineiro de contos como: Cinderela, Branca de neve e os Sete Anões, Rapunzel, A bela Adormecida, e por aí vai uma lista infindável de contos que negam em si mesmos a identidade étnica das crianças não brancas. Não defendo que esses contos devam ser excluídos dos momentos de leitura, porém, trago a discussão o lugar que esses contos ocupam e a frequência de uso em nossas escolas.

No que se refere aos procedimentos metodológicos a presente pesquisa assume características da abordagem qualitativa. Nela, busquei interpretar os fenômenos e construir os significados acerca do tema pesquisado. Sendo assim, preocupo-me também com o contexto do ambiente estudado.

Afirma Demo (2000, p. 20) que a “pesquisa é entendida tanto como procedimento de fabricação do conhecimento, quanto como procedimento de aprendizagem (princípio científico e educativo), sendo parte integrante de todo processo reconstrutivo de conhecimento”. Por isso, contribui para a consolidação dos conhecimentos pertinentes ao tema escolhido pelo pesquisador.

A pesquisa científica é a realização de um estudo planejado, sendo o método de abordagem do problema o que caracteriza o aspecto científico da investigação. Sua finalidade é descobrir respostas para questões mediante a aplicação do método científico. A pesquisa sempre parte de um problema, de uma interrogação, uma situação para a qual o repertório de conhecimento disponível não gera resposta adequada (DEMO, 2000, p. 43).

Sendo assim, a pesquisa tem como objetivo, solucionar problemas e esclarecer dúvidas referentes a uma temática específica, utilizando-se de procedimentos científicos que auxiliem nesse processo. Com isso, trata-se de um conjunto de ações e procedimentos que visam contribuir com o estudo a partir de informações para obter as respostas aos questionamentos do pesquisador.

“[...] atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo.

Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação” (MINAYO, 2011, p. 17).

A pesquisa científica tem como finalidade compreender os fenômenos e buscar as respostas ao que se quer conhecer, por meio de métodos e procedimentos escolhidos pelo pesquisador. Portanto, a pesquisa é um “procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento” (LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 157).

A presente pesquisa, tendo em vista seus objetivos, partiu de uma pesquisa exploratória, que buscou obter mais informações a respeito da temática que gostaria de estudar. Estratégia metodológica que contribuiu para a delimitação do tema, a escolha dos objetivos e elaboração dos pressupostos. A pesquisa exploratória, como aponta Malhota (2001, p. 105) “é usada em casos nos quais é necessário definir o problema com maior precisão, identificar cursos relevantes de ação ou obter dados adicionais antes que se possa desenvolver uma abordagem”. Por isso é meio que promove flexibilidade à pesquisa pelo fato de sua finalidade em obter maior familiaridade em relação ao tema.

Em relação aos procedimentos técnicos, a pesquisa caracteriza-se pelo estudo bibliográfico da produção acadêmica disponível sobre o tema, a que tive acesso. O Estudo bibliográfico ou “pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas” (BOCCATO, 2006, p. 266 apud LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 44).

A pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto à de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica (LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 44).

Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Para responder aos objetivos o texto foi organizado em quatro capítulos, precedidos pelas considerações finais. Este primeiro capítulo traz o panorama geral do trabalho, composto pela temática central da pesquisa; seu objetivo geral; os seus desdobramentos a partir dos objetivos específicos; o problema no qual originou o estudo da temática; e a metodologia que foi utilizada na realização do estudo.

O segundo capítulo inicialmente traz a abordagem conceitual da literatura infantil, como uma ferramenta literária que propicia a formação de novos pensamentos, o contexto histórico que origina essa literatura e suas primeiras obras; Em seguida trato do surgimento da literatura afro-brasileira, abordando as expressões que giram em torno desse tipo de literatura, suas características e as primeiras publicações.

O terceiro capítulo explora as influências da literatura afro-brasileira na construção da identidade racial das crianças, visto que essa construção perpassa pelas dimensões pessoal e social. Todavia a dimensão social tem influência bastante significativa, pelo fato da criança ser induzida pelo ambiente na construção de conceito atribuído a si mesma. Outro aspecto abordado nesse capítulo, é a discriminação do negro na literatura, já que é repleto de estereótipos, personagens desprivilegiados e inferiorizados

O quarto capítulo aborda o trabalho pedagógico com a literatura afro-brasileira, contemplando três obras: Que cor é a minha cor?; Minha mãe é negra sim!; e Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!. Traz os temas que podem ser trabalhados a partir dos mesmos; e os principais autores e obras da literatura infantil afro-brasileira.

Por último, é explicitada a conclusão do trabalho, quais as impressões a respeito da temática, de que maneira o trabalho pode contribuir para a minha formação como profissional, e as considerações a respeito de como a literatura afro-brasileira pode contribuir para a construção identitária na Educação Infantil.

2 ABORDAGEM CONCEITUAL DA LITERATURA INFANTIL

No século XVII começa a surgir uma literatura para crianças, já que a literatura é um instrumento direcionado à leitura, que possibilita a percepção sensorial, o pensamento, o sentimento e o modo de agir dos indivíduos no meio social em que vive.

A literatura, enquanto arte é um dos caminhos que pode ser percorrido pelo homem na busca de prazer nessas relações. Como sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pode revelar os desejos mais profundos do indivíduo, que por sua vez, se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. Portanto, num movimento também de busca incessante, a literatura-arte, pode abrir múltiplos espaços para novas possibilidades do conhecer. E não se pode tirar da literatura infantil esse papel tão importante na formação do pensamento, pela qual cada adulto já passou ou estará repassando em algum momento da sua vida (DIONÍZIO, 2010, p. 11).

A literatura em sua abordagem conceitual traz controvérsias referente a obras de cunho infantil, seja quando relacionada a obra de uma época específica, seja em relação a obras enquanto mecanismos de leitura produtiva/reflexiva. Contudo, independente disso, a literatura infantil possui existência há séculos, por meio de mitos, narrativas e poemas destinados à criança. De acordo com Nelly Novaes Coelho a Literatura Infantil pode propiciar:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo (COELHO, 1991, p. 5).

Segundo Silva (1982) o conceito de Literatura necessita ser procurado “no receptor de um conjunto de obras que ganham feição especial, quer pela temática, quer pela intenção”, visto que uma literatura de cunho infantil caracteriza-se por uma “textura semiótica e do facto de se dirigir a um peculiar sujeito cognoscente”. O que é corroborado por Rocha (1984) quando afirma que a literatura infantil possui a qualidade de uma produção literária para adultos, todavia é destinada e direcionada para crianças.

A Literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização (CAGNETI, 1996, p. 7).

No entendimento de Parafita (2002), um texto de Literatura Infantil, para ser intitulado como tal, precisa ser considerado uma literatura, sendo uma obra de arte, um objeto de uma relação interpretativa particular, para que dessa maneira possa ser intitulada de cunho infantil, a partir dos seus objetivos fundamentais: a aquisição e potenciação de esquemas mentais; aquisição e cultivo da linguagem; e aquisição e implementação de experiências estéticas e éticas.

Outras denominações são direcionadas a esse tipo de literatura, por algumas correntes de estudiosos, tais como: Literatura para Crianças, Literatura Infanto-Juvenil ou Literatura para a Infância, contudo, no presente trabalho será utilizada a denominação Literatura Infantil. Essas contradições, decorrem pelo fato de seu conceito ser amplamente discutido e debatido por pesquisadores e estudiosos da temática.

Uma parte desses estudiosos acreditam que a literatura infantil é um objeto adotado pelo seu leitor, outros afirmam que é um objeto de formação de um agente transformador da sociedade, e ainda há aqueles que indagam a sua existência. O que se tem certeza, é que a

literatura infantil propicia à criança a descoberta do mundo em que sonhos e realidade se misturam, proporcionando a descoberta de um lugar mágico e divertido, estimulando a imaginação, a fantasia, a criatividade, a curiosidade, o pensamento, bem como no desenvolvimento da linguagem.

O surgimento da literatura infantil esteve direcionado à diversão e, posteriormente, à aprendizagem das crianças, já que o conteúdo adequava-se ao nível de compreensão e interesse das mesmas. Configura-se como “um dos aspectos da literatura dentre as várias modalidades artísticas”, visto que preocupa-se com histórias destinadas às crianças, direcionada para a psique infantil, com vocabulário adequado ao conhecimento e à compreensão da criança (SOUSA, 1978, p. 19).

Anteriormente a criança era tida como um adulto em miniatura, e as primeiras obras de cunho infantil surgiram a partir de adaptações da literatura destinada a adultos. Com isso, as crianças possuíam dificuldades na linguagem e na compreensão desses textos, já que não eram adequados a sua faixa etária. Quando às situações conflituosas e à linguagem difícil, foram alteradas e adequadas através de situações que envolviam aventura e fantasia, seu caráter intrínseco foi diminuído, contudo atraíam a criança leitor/ouvinte a desfrutar das diversas situações nos aspectos realista e fantasioso, que era o objetivo primordial.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

O surgimento da literatura infantil está relacionado à história da concepção de infância, bem como das primeiras obras destinadas ao público infantil que foram originárias no final do século XVII e durante o século XVIII, já que antes desse período não havia obras destinadas às crianças, visto que não havia infância, as crianças eram consideradas adultos em miniatura.

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança pelo que deveria passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta (CUNHA, 1999, p. 22).

Todavia, a partir do surgimento de uma nova classe social, denominada de burguesia e com a valorização do seu modelo de família, em que a criança era vista como uma reprodutora da classe, a visão de infância foi modificada, e houve uma maior preocupação com sua educação e transmissão dos valores burgueses. Com isso, houve uma produção

acentuada e sistematizada, com a finalidade de transmitir os valores desse novo modelo familiar, exaltando a vida doméstica, os princípios do casamento e educação das futuras gerações.

Conforme Coelho (1991) a literatura infantil surgiu na França, especificamente na segunda metade do século XVII, no período da monarquia absolutista de Luís XIV, denominado o “Rei Sol”, que se manifesta abertamente à preocupação com a literatura para crianças e jovens. As primeiras obras de cunho infantil no mundo são: As Fábulas (1668) de La Fontaine; Os contos da mãe gansa (1691/1697) de Charles Perrault; Os Contos de Fadas (8 volumes-1696-1699) de Mme D’Aulnoy e Telêmaco (1699) de Fénelon, por isso a França é considerada o berço da literatura infantil.

No Brasil, a literatura infantil, teve seu surgimento no final do século XIX a partir da implantação da Imprensa Régia, em 1808, visto que nesse período iniciaram as publicações dos primeiros livros destinados a crianças no Brasil, de acordo com Lajolo e Zilberman (2010), afirmando que:

[...] a tradição de As aventuras pasmosas do Barão de Munchausen e, em 1818, a coletânea de José Saturnino contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural (LAJOLO; ZILBERMAM, 2010, p. 23).

Contudo, segundo Lajolo e Zilberman (2010), essas publicações eram insuficientes e irregulares para serem caracterizadas como uma produção da literatura brasileira infantil, mas com a Proclamação da República é que se iniciou efetivamente a literatura infantil brasileira. Para Veloso (1994) até a década de 70, a literatura infantil foi se consolidando, todavia, tida como um subproduto literário menor, pela concepção de infância que se tinha na época. Ele afirma que essa literatura tem particularidades que a tornam única, tanto referente a sua forma, quanto ao seu conteúdo, uma vez que é:

Texto de extensão mais reduzida, certa abundância de diálogos, protagonista frequentemente jovem, um certo optimismo implícito, linguagem de acordo com a competência linguística da criança, simplicidade diegética, o fantástico e a magia como componentes significativas, o respeito por determinadas convenções, tais como fórmulas relativas ao tempo (Era uma vez..., No tempo em que os animais falavam...) e ao espaço (Num país muito longínquo) (VELOSO, 1994, p. 34).

A literatura brasileira infantil tem traços e contribuições das literaturas europeia (portuguesa), africana e indígena, já que na linguagem oral eram disseminadas pelos antepassados por várias histórias, seja do folclore português, seja dos povos escravizados,

quanto da cultura indígena que trouxe personagens como: a Iara, o Minhocão, o Matitaperê entre outros. Todas deixaram suas marcas na nossa literatura.

De acordo com Cunha (1999, p. 23) “no Brasil, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo adaptações de obras de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias”. Os clássicos de origem estrangeira em suas traduções tinham predomínio na literatura formal, no século XIX, contudo, os aspectos nacionalista e pedagógicos, influenciaram na estimulação do surgimento de obras de cunho infantil no Brasil.

Conforme o mesmo autor, dentre as obras estrangeiras, encontravam-se livros traduzidos e adaptados por Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel. A exemplo dos Contos das Mil e uma noites (1882), Robinson Crusóe (1885), Viagens de Gulliver (1888), As aventuras do Alebérriço Barão de Munchharisen (1891), e Dom Quixote de La Mancha (1901). Já os contos clássicos de Grimm, Perrault e Andersen foram disseminados nos Contos da Carochinha (1894), nas Histórias da avozinha (1896); com assinatura de Figueiredo Pimentel e edição da Livraria Quaresma. Neste período, o livro dos Contos infantis (1886), de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira também tinham destaque.

Na literatura escolar, apresentou-se obras como D. Jaime, de Tomás Ribeiro, O tesouro de leitura, de Abílio César Borges, e do jornal infantil Ensaio Juvenil, que surgiu em 1864, dirigido por acadêmicos paulistas, assim como no século XIX, em Salvador com os jornais: O Re compilador ou Livraria dos Meninos (1837) e O Mentor da Infância (1846) e, em São Paulo, O Caleidoscópio, de 1860.

Mesmo com suas próprias publicações de obras infantis, o Brasil ainda continua sobre a influência da literatura europeia, pelo fato de ainda encontrarmos obras conhecidas como As aventuras de João e Maria, A Bela Adormecida, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, dentre outros, sendo utilizadas. Contudo, eram disseminados por adultos, até que Charles Perrault (1628-1703) na França, Jacob (1785-1863), Wilhelm (1786-1859), e Grimm, na Alemanha, transcreveram-nas e publicaram, visando ao público infantil (ZILBERMAN, 2005).

De acordo com Zilberman (2005) o surgimento dos primeiros livros infantis no final do século XIX, visava atender às solicitações, de um determinado grupo social novo, de classe média urbana em ascensão. Nesse período, não haviam escritores para atender ao público infantil, o que ocasionou a busca de obras estrangeiras direcionadas aos adultos, que foram traduzidas e adaptadas para as crianças. Sendo assim, percebe-se que desde o início, a Literatura Infantil surgiu tendo a finalidade de formar a criança e transmitir os ensinamentos dos comportamentos considerados desejáveis, adquirindo um caráter pedagógico.

2.2 O SURGIMENTO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

No cenário literário, há uma grande resistência relacionada à utilização das expressões “escritor negro”, “literatura negra” ou “literatura afro-brasileira”, inclusive entre escritores negros, devido à rotulação e retenção da produção literária que as expressões denotam. Todavia, há escritores que acreditam no uso das expressões como meio de ressaltar sentidos mais escondidos relativos à generalização do termo “literatura”, referentes a valores de um segmento social que luta contra a exclusão imposta pela sociedade (SOUZA; LIMA, 2006, p. 13).

A expressão ‘literatura negra’, presente em antologias literárias publicadas em vários países está ligada a discussões no interior de movimentos que surgiram nos Estados Unidos e no Caribe, espalharam-se por outros espaços e incentivaram um tipo de literatura que assumia as questões relativas à identidade e às culturas dos povos africanos e afrodescendentes. Através do reconhecimento e revalorização da herança cultural africana e da cultura popular, a escrita literária é assumida e utilizada para expressar um novo modo de se conceber o mundo (FONSECA, 2006, p. 11-12).

Como afirma Fonseca, a expressão é resultado de um tipo de literatura que vislumbrava abordar assuntos e temas relacionados à identidade e cultura dos africanos e afrodescendentes, já que não havia obras que contemplassem essa temática. “Os escritores de pele negra, mestiços, ou aqueles que, deliberadamente, assumem as tradições africanas em suas obras, são sempre minoria na tradição literária do país” (SOUZA; LIMA, 2006, p. 13).

Esses diferentes pontos de vista possibilitam o entendimento da forma com a qual esse segmento tem sido excluído perante a sociedade, já que a expressão “literatura branca”, dentro da literatura brasileira, não é utilizada, pelo fato de autores negros terem pouca visibilidade no “cânone literário”, mas quando têm essa visibilidade são inferiorizados pela forma com que a sociedade o rotulam, seja em relação às características estéticas, muitas vezes estereotipadas em alguns livros, no âmbito social entre outros.

No período em que se discutiu na sociedade a respeito da identidade cultural do Brasil, houve uma maior notoriedade no que refere-se às expressões “literatura negra”, “poesia negra”, “cultura negra”, e também diversas discordâncias relacionadas ao Brasil ser visto como um país que possui “uma cultura mestiça”, “uma democracia racial”. E a partir do momento em que essas discordâncias emergiram, o racismo contra os negros foi notado e discutido. Diante disso, foi necessário aprofundar as discussões em relação a literatura elaborada por negros ou as que relatam os conflitos vivenciados pelos mesmos.

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro (LOBO, 2007, p. 266).

Como aborda Lobo (2007), a literatura negra é realizada por autores negros que escrevem sobre sua cultura e origem, abordando de forma crítica temáticas que englobem seu universo existencial. Contudo, há autores brancos que também fazem literatura negra, quando dão visibilidade ao racismo, reafirmando o espaço da população negra enquanto colaboradores na formação da sociedade brasileira, como exemplo da autora Zilá Bernd, entre outros. Em relação às expressões citadas anteriormente, alguns teóricos da literatura acreditam que deve-se manter a expressão “literatura negra”, apesar da propagação da expressão “literatura afro-brasileira”.

No período em que ocorreu o “advento dos estudos culturais”, houve um fortalecimento da expressão “literatura afro-brasileira”. As expressões “afro-brasileiro” e “afrodescendente” tinham finalidade de desfazer esse vínculo proveniente da expressão “literatura negra”, bem como ultrapassar obstáculos na caracterização desse tipo de literatura, no entanto não desejavam adentrar nas discussões evidenciadas pelos movimentos negros.

Poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo) (LOBO, 2007, p. 315).

Sendo assim, como afirma Lobo (2007), a literatura afro-brasileira visa resgatar a história do povo negro, abordando sua escravização, bem como suas consequências, a elevação de heróis negros, como Zumbi dos Palmares, suas tradições culturais e religiosas, um longo caminho de resistência e superação que tem ultrapassado séculos. Enfim, o negro é o protagonista desse tipo de literatura.

A título de exemplo, citamos as publicações brasileiras de 1980: *Cadernos Negros*, que foi uma coletânea publicada, a partir de 1978, pelo Movimento Quilombhoje de São Paulo; a *Antologia contemporânea da poesia negra brasileira* (1982), elaborada por Paulo Colina; e a *Poesia negra brasileira* (1992), projetada por Zilá Bernd (SOUZA; LIMA, 2006, p. 14).

Numa opinião contrária, outros teóricos reconhecem que a particularização é necessária, pois quando se adota o uso de termos abrangentes, os complexos conflitos de uma dada cultura ficam aparentemente nivelados e acabam sendo minimizados. Nessa lógica o uso da expressão “literatura brasileira” para designar

todas as formas literárias produzidas no Brasil não conseguiria responder à questão: por que grande parte dos escritores negros ou afrodescendentes não é conhecida dos leitores e os seus textos não fazem parte da rotina escolar? (FONSECA, 2006, p. 12).

Nas coleções mencionadas, grande parte delas é constituída de poemas relacionados a temáticas da população negra, sendo um acervo de pesquisa de grande relevância, em virtude da escassez de textos literários desse conteúdo, tanto em instituições acadêmicas, quanto em instituições escolares, bem como pelo fato de fortalecerem discussões à respeito da inferiorização e exclusão que esse segmento social enfrenta, e que constitui a maioria da população brasileira.

Merecem ser consideradas, neste sentido, as propostas explícitas nos textos publicados pelos Cadernos Negros, a seleção privilegiada pela antologia poesia negra brasileira (1992), organizada por Zilá Bernd, ou as possibilidades de leitura do título da antologia Quilombo de palavras: a literatura dos afrodescendentes. (SOUZA; LIMA, 2006, p. 14).

Inicialmente os Cadernos Negros favoreciam a utilização da expressão “literatura negra”, denominando a literatura na qual faziam parte, e que era fortalecida a partir das lutas em virtude da liberdade na década de 70 no continente africano. Durante esse período de independência, surgiram nações africanas que adotaram a língua portuguesa, motivando ainda mais o nascimento dos Cadernos Negros, pelo fato de interligarem a literatura e as “motivações sociopolíticas”.

Os autores dos Cadernos Negros buscaram dar visibilidade à sua produção e ampliaram a reflexão sobre a condição de trabalho dos escritores negros, sobre a circulação de seus textos, a marginalidade dessa produção e a linguagem com que se expressam. Numa criação literária mais preocupada com a função social do texto, interessa-lhes, sobretudo, a vida dos excluídos por razões de natureza étnico-racial. A relação entre cor e exclusão passa a ser recorrente na produção literária denominada pela crítica como negra ou afro-brasileira (FONSECA, 2006, p. 17).

Conforme Alves (2002, p. 225), os primeiros textos dos Cadernos Negros, vislumbravam a desconstrução de uma tradição literária que excluísse a produção literária marcada pela política. Com isso, tinham uma postura de rebeldia contra a democracia racial, na luta desse segmento social, de “negar a negação de toda uma vivência-existência da população negra”. A partir da coletânea de número 18, os Cadernos Negros adotaram subtítulos como: poemas afro-brasileiros e contos afro-brasileiros, o que propiciou um significado mais abrangente, envolvendo outros autores preocupados com o combate ao racismo, e a questão étnica explicitada anteriormente nas coletâneas.

O primeiro volume de *Cadernos Negros* (1978), a antologia de literatura afro-brasileira de vida mais longa, já que desde 1978 vem sendo anualmente publicada, procurava, de certa forma, ampliar a herança deixada por escritores negros brasileiros. Propunha, seguindo o caminho já trilhado por Solano Trindade e outros escritores, expandir o espaço de publicação dos escritores negros e trabalhar com temas relacionados à cultura negra no Brasil (FONSECA, 2006, p. 16).

Nos *Cadernos Negros* em seus diversos volumes, os escritores que o constituíam preocupavam-se com o cenário da literatura brasileira em que seriam inseridos pelas suas publicações, já que nem todos os seus colaboradores (participantes) do movimento Quilombhoje, aderiram a expressão “literatura negra”, o que foi mencionado por Fonseca (2006):

A discussão retomava questões que ganharam força com o movimento da Negritude, na década de 30, na Europa. Recuperando essas discussões sobre a chamada “literatura negra”, os integrantes dos *Cadernos Negros* também se interrogam sobre a produção, circulação e recepção de seus textos, num momento em que defendiam a legitimação de uma “literatura negra” produzida no Brasil (FONSECA, 2006, p. 16).

Já no contexto atual, percebe-se que temas relacionados a identidades étnicas, raciais e culturais têm sido cada vez mais evidenciados, no entanto as caracterizações como “mulato”, “moreno”, “não branco”, demonstram a dificuldade que a sociedade brasileira possui em sua auto-imagem, já que grande parte dos negros adotam essas denominações. “Por isso, a questão posta pela literatura espera ainda uma resposta a ser dada pela definição do que somos, na maioria negros, afro-brasileiros ou afrodescendentes?” (FONSECA, 2006, p. 38).

Segundo Fonseca (2006) a discussão no cenário literário referente as expressões “literatura negra”, “literatura afro-brasileira”, apesar de serem bastante empregadas nas academias e universidades, não conseguem responder aos questionamentos dos indivíduos que possuem atividades relacionadas à literatura, à crítica e à educação. O que se pode afirmar, é que a questão da utilização desses termos “em referência à produção artística literária no Brasil, várias questões são suscitadas” (FONSECA, 2006, p. 11).

Diversos teóricos e escritores tanto brasileiros, quanto das Antilhas, Caribe e Estados Unidos, utilizam o prefixo “afro”. Na literatura afro-brasileira, no entanto ainda persistem as discussões a respeito das expressões anteriormente citadas, apesar dessa utilização consistir numa literatura ou cultura específica. De acordo com Fonseca (2016, p. 16), esse tipo de literatura é tida como “estratégia de reversão da imagem do negro visto como “máquina de trabalho”, como “coisa ruim” ou como “objeto sexual”, sendo um tema de grande relevância para a questão identitária e também “aludem ao enfrentamento das ordens sociais, seguramente mais severas para os brasileiros de cor negra” (FONSECA, 2006, p. 21).

A partir da literatura afro-brasileira, foi possível tecer novos olhares a respeito de preconceitos provenientes da sociedade, bem como evidenciar o escritor negro, ou o indivíduo que produz sobre a temática dos negros, como criativos, inventivos, críticos e conscientes de suas funções como transformadores do meio em que vivem, podendo modificar sua realidade, desmistificando os estereótipos atribuídos a esse segmento social.

3 INFLUÊNCIAS DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RACIAL

A construção da identidade é um fator de grande relevância para o estabelecimento da igualdade, e nos dias atuais, esse conceito necessita ser incentivado no Brasil, já que o mesmo foi consolidado nos âmbitos político, cultural e econômico por meio da exploração de outros povos.

A questão identitária constitui-se por elementos de ordem natural ou coletiva de um povo, em duas dimensões: dimensão pessoal e dimensão social. Na pessoal, essa construção resulta da identificação que o indivíduo faz com o outro, relevante à sua socialização, o que é ressaltado por Erikson (1987 apud SILVA, 2004 p. 27):

Quando desejamos estabelecer a identidade de uma pessoa, perguntamos-lhe qual é o seu nome que condição ocupa dentro de sua comunidade. A identidade pessoal tem um significado mais amplo: inclui também um sentido subjetivo de uma experiência contínua e uma memória coerente. A identidade social possui características ainda mais complexas, às vezes, subjetivas, individuais e sociais. (ERIKSON, 1987 apud SILVA, 2004, p. 27).

Segundo Gomes (2008) a identidade negra não ocorre somente quando direciona-se o olhar para dentro do próprio negro em relação a si mesmo e a seu corpo, mas relaciona-se ao olhar do outro, que está fora, sendo uma ligação tensa, conflituosa e complexa. Sendo assim, a construção da identidade se dá através da interação com o outro, nas relações sociais, tanto no meio familiar, quanto na escola, na igreja, na sociedade em geral dialeticamente, indivíduo - grupo social.

Como afirma Cuche (1999, p. 5) “a identidade é sempre uma negociação entre uma auto-identidade definida por si mesma e uma hetero-identidade definida pelos outros. A situação relacional entre ambas é que vai legitimar de forma positiva ou negativa, a auto-

identidade”. Por isso, que o ambiente exterior e o meio social onde a criança vive, interfere significativamente para a formação de sua auto-identidade.

Ou seja, numa relação de força entre os grupos, a auto-identidade fica em desvantagem quando a hetero-identidade estigmatiza o grupo dominado. Essa estigmatização dos grupos minoritários leva tais grupos a um recolhimento para si de uma identidade negativa.

Desenvolve-se entre eles um fenômeno de desprezo por si mesmo que está ligado à interiorização de uma imagem construída pelos outros (hetero-identidade) (CUCHE, 1999, p. 5).

Por diversas vezes o indivíduo se enxerga, de acordo com a ideia que os outros faz de si, haja vista que a identidade de cada um não se constrói de forma individual, pois há interferência do meio externo, sendo adquirida a partir da interação com o outro, do diálogo. Com isso, como afirma a autora a construção da identidade negra no Brasil possui complexidade e tensão.

Quando se faz uma abordagem histórica, percebe-se que a identidade negra vem sofrendo ressignificações, já que no período da escravidão tinha formas variadas, tanto escancarada quanto velada, exemplificando e naturalizando o racismo, da “miscigenação racial e cultural” e de resistência também, buscando a relação identitária negra.

Muitos dos traços que continuam a legitimar preconceitos em relação à cor da pele, feições do rosto, tipo do cabelo e uma gama infindável de características utilizadas para desqualificar ou desmerecer pessoas, têm sua origem na sociedade escravocrata, constituída de senhores (brancos) e escravos (negros). Mas há uma questão que é preciso registrar: são esses mesmos traços do corpo negro que, aos poucos, foram sendo assumidos como significantes de um outro padrão estético e de uma política de elevação da autoestima dos afro-descendentes (SOUZA; LIMA, 2006, p. 35).

Essa questão explicitada pelas autoras relatam a situação vivenciada na atualidade, já que anteriormente o negro e seus traços característicos eram menosprezados, inferiorizados, e nos dias atuais essa reafirmação desses mesmos traços tem sido evidenciadas, desmistificando os padrões ditados pela sociedade embranquecida, especialmente entre as mulheres, e o cabelo crespo é um exemplo disso.

Em relação às crianças, a dimensão social influencia significativamente em sua formação identitária, uma vez que o ambiente exerce indução sobre o conceito de si mesma. E nos livros de literatura infantil não é diferente, todavia esse acesso necessita ser ampliado para todas elas, sejam negras ou brancas, de modo a quebrar paradigmas e preconceitos,

priorizando e oportunizando uma forma de conhecimento dentro dos parâmetros de diversidade compostos pela sociedade brasileira.

De acordo com Lima (2008), a literatura infantil e seus personagens exercem influência no imagético da criança, em sua autopercepção, pelo fato de transmitirem mensagens tanto por meio do texto escrito, quanto por meio das imagens ilustradas. A partir dessa concepção da autora, estabelece uma preocupação: esses livros têm contemplado personagens negros com representações estereotipadas e inferiorizadas? Visto que há diversos livros que trazem o negro em espaços desvalorizados, “num papel menor”, como diz Edson Gomes em uma de suas canções chamada “História do Brasil”:

Eu vou contar pra vocês
 Certa história do Brasil
 Foi quando Cabral descobriu
 Este país tropical
 Um certo povo surgiu
 Vindo de um certo lugar
 Forçado a trabalhar neste imenso país
 E era o chicote no ar
 E era o chicote a estalar
 E era o chicote a cortar
 Era o chicote a sangrar
 Um, dois, três até hoje dói
 Um, dois, três, bateu mais de uma vez
 Por isso é que a gente não tem vez
 Por isso é que a gente sempre está
 Do lado de fora
 Por isso é que a gente sempre está
 Lá na cozinha
 Por isso é que a gente sempre está fazendo
 O papel menor
 O papel menor
 O papel menor
 Ou o papel pior (GOMES, 1988).

Diante disso, fica claro que infelizmente as marcas deixadas pelo colonialismo permanecem vigentes, compondo o que alguns autores têm chamado de colonialidade. A ponto da reprodução da inferioridade dos não brancos vir alcançando as diversas gerações através da reprodução incessante do que as palavras da canção vêm compor, ditando lugares para os não brancos atribuindo-os a papéis de baixo prestígio.

Todos sabemos (embora nem todos o confessemos) que em nosso contexto social esse tipo ideal – que, na verdade, faz o papel de um espelho virtual e generoso de nós mesmos – corresponde, no mínimo, a um ser: *jovem, do gênero masculino, branco, cristão, heterossexual, física e mentalmente perfeito, belo e produtivo*. A aproximação ou semelhança com essa idealização em sua totalidade ou particularidades é perseguida, consciente ou inconscientemente, por todos nós, uma vez que o afastamento dela caracteriza a diferença significativa, o desvio, a

anormalidade. E o fato é que muitos e muitos de nós, embora não correspondendo a esse protótipo ideologicamente construído, o utilizamos em nosso cotidiano para a categorização/validação do outro (AMARAL, 1998, p. 14).

Perante os estereótipos, abordados por Amaral, impregnados e enraizados na sociedade brasileira, e que são disseminados nos livros de literatura infantil, é extremamente complicado para a criança negra se sentir parte da história, ou se ver dentro dela, aceitando o grupo étnico-racial ao que pertence, tendo “(auto) rejeição como a rejeição de qualquer aspecto que venha a relacionar-se a da sua identidade originária do povo negro” (CAVALLEIRO, 2001, p. 145).

A nossa formação, como pessoas e cidadãos, dá-se numa sociedade que se considera essencialmente descendente de europeus e perifericamente de índios, negros e de outros grupos étnicos. E vê como modelo humano, *o macho adulto, de pele branca, cristão, rico* (SILVA 2006, p. 168).

Sendo assim, como a criança negra pode aceitar o seu grupo étnico, se a sociedade dita padrões e espaços inferiores para o negro? Como esses estereótipos podem influenciar na construção da identidade da criança negra? Quais os impactos que obras da literatura infantil podem causar ao disseminarem esses estereótipos? São alguns questionamentos a respeito desse protótipo ideológico construído na sociedade e que dificultam a aceitação dessas crianças. Diante dessa premissa, nota-se que os livros de literatura infantil têm representado essa “hetero-identidade”, que se salienta ao olhar do outro, influenciando na construção identitária das crianças.

Em grande parte da literatura brasileira, percebe-se a escassez da figura do negro, seja em personagens, ou mesmo quando possui uma figura negra dentro da história, o mesmo ocupa um espaço de desprestígio, com estereótipos negativos, haja vista que exaltam a raça branca e sua superioridade. Com isso, compromete a construção da identidade da criança negra, pela falta de referência cultural e estética de sua raça, visto que a questão corporal (estética) exerce grande influência nesse processo. E Munanga (2004, p. 19) aborda essa temática brilhantemente, quando afirma:

Os indivíduos da raça “branca”, foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra, mais escura de todas e, conseqüentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e, portanto, a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação.

Todavia, esse conceito de raça biológica é contestado, pelo fato das diferenças genéticas dos povos não serem consideradas suficiente para que haja essa distinção, já que todos pertencem à raça humana. Todavia, o conceito sociológico de raça, como afirma o autor, continua a ser justificado e a estabelecer relações racistas e preconceituosas na sociedade.

“Embora a raça não exista biologicamente, isto é insuficiente para fazer desaparecer as categorias mentais que a sustentam. O difícil é aniquilar as raças fictícias que rondam em nossas representações e imaginários coletivos” (MUNANGA, 2004, p. 26).

Esse conceito de raça e suas representações são bastante difundidas negativamente, e esse preconceito está presente na literatura infantil, quando há ausência de figuras negras nas obras, em sua concepção de beleza e nas diferenças fenotípicas, por isso que a construção da identidade da criança negra é complexa, por não se perceber dentro dessas obras, acessando padrões deturpados, ou seja, restando-lhes como opção um mundo imaginário como principal via de acesso.

Souza (2006) corrobora esse pensamento quando afirma que o preconceito racial exerce interferência na construção dessa identidade, pelo fato de conceder características negativas a si próprio esteticamente, mesmo que de forma inconsciente, por causa do ideal branco impregnado pela sociedade. “A amargura, o desespero e revolta pelas diferenças em relação ao branco acabam se transformando em ódio pelo próprio corpo” (SOUZA, 2006, p. 6).

Diante dessa situação de ideologia massacrante, torna-se imprescindível a extensão desse leque de obras literárias apresentadas às crianças, especialmente nas instituições escolares, sem desprezar contos clássicos, de forma que haja uma diversidade entre as representações apresentadas a essas crianças, pois essa consciência já se adquire nos anos iniciais, e se não forem corrigidas com antecedência, tecerá um imaginário frustrado e tomado por ideias que já deveriam estar nas páginas do passado, e no entanto vem se perpetuando.

Um grande avanço que tem possibilitado a inserção da diversidade no espaço escolar é a implementação Lei nº 10.639/03, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Em seu § 2º afirma que “Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras”. No Ensino Fundamental e Médio, nas instituições escolares tanto públicas, quanto privadas do país.

A lei que modifica a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) foi possível a partir da pressão e luta de organizações constituintes do Movimento Negro Brasileiro, que já havia conseguido no ano de 1995 incluir a Pluralidade Cultural como tema transversal nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Essa lei contribui de forma significativa para a sociedade, especialmente os educandos, para que tenham a consciência de como os negros e afrodescendentes têm sido marginalizados, apesar de contribuírem para a construção do país. Por isso, tem a finalidade de compensar as injustiças que os negros passaram e até hoje passam, tanto em relação a exclusão, quanto ao preconceito que sofrem.

A razão de tantas omissões na sistematização do ensino das Literaturas Africanas e Afro-Brasileira que, a partir de critérios díspares e inaceitáveis, deixa de lado nomes e questões relevantes às suas produções, uma vez que estes advêm de margens do tecido social de países reduzidos a mapas geográficos e notícias, em geral trágicas, nos meios de comunicação (DUTRA, 2010, p. 286).

Para que de fato a criança se percebe nas características físicas dos personagens das obras de literatura infantil, é necessário que haja o contato com a literatura afro-brasileira, na qual contenha figuras negras que ocupem espaços privilegiados, para que aconteça uma elevação da sua auto-estima, e a formação da sua identidade, que realmente só poderá ser afirmada por bases sólidas do reconhecimento ao seu pertencimento, a suas raízes que demarcam essa essencialidade de um país mestiço.

Para Cavalleiro (2001) e Santana (2006) a criança negra passa pelo processo de negação diante do outro, pelo fato de não perceber na historiografia oficial a história do seu povo e sua cultura, devido á falta de visibilidade desses aspectos no currículo escolar e nos materiais didáticos das escolas. Sendo assim, a introdução da literatura afro-brasileira no cotidiano escolar cumpre o papel de desconstruir os estereótipos atribuídos aos negros, apresentando a riqueza ao pertencimento de um grupo racial que vem ultrapassando as barreiras da dominação e do racismo. Essa inserção contribui fundamentalmente para a formação da identidade étnico-racial da criança, a valorização da cultura negra e no combate ao racismo.

Para o pequeno leitor, as histórias infantis, como as fábulas, os contos de fadas, propiciam o desenvolvimento cognitivo por meio do processo de representação e construções simbólicas. No caso da literatura de temática afro-brasileira contribui para reflexões que rompem com uma visão construída sob o fundamento das desigualdades, construindo uma visão sob uma base de valorização da diversidade. (BARREIROS, 2010, p. 5).

Portanto, a literatura abre um grande leque de possibilidades e diversidades em meio a esse choque de exclusão que ainda notamos não só nos livros, mas também saindo do imaginário para se fazer real em espaços de poder.

3.1 A DISCRIMINAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA

Conforme Rosemberg (1985), dos anos de 1955 a 1975 houve uma sub-representação de personagens negros em textos e ilustrações; estereótipos na ilustração de personagens negros; associação de personagens negros com profissões desvalorizadas; poucas elaborações textuais de personagens negros; associação da cor negra com a maldade, tragédia, sujeira; associação do ser negro com castigo, feiúra; e associação com personagens antropomorfizados (não humanos). Contudo, até a década de 20 quase não havia personagens negros na literatura infantil, já que os poucos que existiam tinham ligação com a escravidão.

Geralmente, quando personagens negros entram nas histórias aparecem vinculados à escravidão. As abordagens naturalizam o sofrimento e reforçam a associação com a dor. As histórias tristes são mantenedoras da marca da condição de inferiorizados pela qual a humanidade negra passou. Cristalizar a imagem do estado de escravo torna-se uma das formas mais eficazes de violência simbólica. Reproduzi-la intensamente marca, numa única referência, toda a população negra, naturalizando-se assim, uma inferiorização datada. A eficácia dessa mensagem, especialmente na formatação brasileira, parece auxiliar no prolongamento de uma dominação social real. O modelo repetido marca a população como produtora e atrapalha uma ampliação dos papéis sociais pela proximidade com essa caracterização, que embrulha noções de atraso (LIMA, 2008, p. 103).

Na década de 80, ocorreram avanços no que refere-se à literatura infantil, e a “estereotipação” do negro em obras direcionadas para o público infantil, visto que houve uma ressignificação sobre a representatividade do mesmo, “proporcionando a produção de obras comprometidas em resgatar a identidade racial da criança negra, através da valorização de práticas e valores culturais da população afrodescendente no Brasil” (PEIXOTO, 2013, p. 84). Essa ressignificação, visou desmistificar o que Lima (2008) afirmou acima, em que os personagens negros eram inferiorizados e ligados à escravidão, buscando dar destaque aos personagens negros, suas tradições culturais, sua história e sua luta contra o racismo e a desigualdade entre a população negra e a população branca.

No contexto escolar, a partir da Lei n^o 10.639/03, com a obrigatoriedade da inserção do ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na educação, se precisou adequar o currículo e inserir uma literatura que contemplasse o que é explicitado pela lei, inserindo obras em que haja personagens negros ocupando diferentes espaços, que contem sua história,

cultura, ancestralidade, entre outros. Para Pereira (2007, p. 21) é preciso reconhecer “a relevância da contribuição das sociedades africanas e dos afrodescendentes brasileiros para a formação e o desenvolvimento da sociedade brasileira”. Sendo assim, a lei 10.639/03 contribui com ações afirmativas, que visam integrar negros e afrodescendentes, em sua história e no contexto educativo, mostrando sua contribuição para a formação da sociedade, buscando igualdade, e lutando contra o racismo, o preconceito e a desigualdade social.

A ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial parecem ter como causa fundamental o medo que a minoria branca tem da maioria negra e mestiça, e do possível antagonismo a ser gerado a partir da exigência de direitos de cidadania e de respeito às diferenças étnico-culturais. Isso porque a aceitação democrática das diferenças pressupõe igualdade de oportunidades para os seguimentos que apresentam padrões estéticos e valores sócio-culturais diferentes. Então, o respeito às diferenças implica numa reciprocidade de direitos em um sistema baseado na exploração do outro, desenvolve-se toda uma ideologia justificadora da opressão e interiorização, objetivando a destruição da identidade, da autoestima e potencialidades do oprimido (SILVA, 1995, p. 25).

Essa ideologia afirmada por Silva, contribui para que a criança branca internalize esse conceito de superioridade em relação ao outro, ocupando uma posição privilegiada. Com isso, a criança negra sente-se inferiorizada e adquire a ideologia do branqueamento como forma de serem inseridos dentro do contexto, e de seus referenciais. Diante disso, quando se trabalha uma literatura “em que os heróis” são referências em histórias com protagonistas negros, pode contribuir tanto para a construção da identidade e da autoestima de crianças negras como para a valorização da convivência na diversidade com a criança branca” (MARIOSIA; REIS, 2011, p. 43). Machado também afirma sobre isso que:

No exercício de educar para a vida, o pensamento africano mantém como tradição as histórias míticas, que podem ser consideradas como práticas educacionais que chamam a atenção para princípios e valores que vão inserir a criança ou o jovem na história da comunidade e na grande história da vida (MACHADO, 2002, p. 3).

Pelo fato da historicidade afro-brasileira ser bastante rica, constituída de sua contribuição cultural, hábitos, costumes, danças, músicas, espiritualidade e beleza, é que torna imprescindível a sua disseminação no âmbito escolar por meio de uma literatura infantil afro-brasileira que possibilite aos educandos conhecer e respeitar a população negra, e que contribua para a auto-afirmação das crianças negras, promovendo um rompimento com uma ideologia eurocêntrica e monocultural.

Uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber, possa trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o

negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima. Isto pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história, de sua cultura (SILVA, 2010, p. 35).

Os clássicos da literatura infantil, como: Cinderela, Branca de Neve, Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel, entre outros, mexem com o imaginário infantil, contudo trazem personagens brancos que não propiciam identificação da criança negra, pelo fato de príncipes e princesas, de fadas e outros personagens serem brancos e europeus, mostrando o padrão de beleza associados a essas figurações.

Para que a literatura de matriz africana encontre espaço no universo escolar, se faz necessário um maior conhecimento por parte dos professores dessa literatura, com o objetivo de desenvolver práticas pedagógicas transformadoras, que contribuam para a legitimidade das várias culturas e respeito à pluralidade cultural e religiosa (SILVA, 2010, p. 4).

Portanto, os professores necessitam acessar uma formação adequada para se trabalhar com a literatura afro-brasileira que lhes possibilite colaborar com o aluno no conhecimento da diversidade étnico-racial do Brasil e despertando “nos pequenos leitores, senso crítico e discernimento com textos específicos” (MARIOSAS; REIS, 2011, p. 49).

Dessa forma, como afirma Peixoto (2013, p. 86) “a pesquisa e a leitura, nas salas de aula, de obras comprometidas com um viés afirmativo do afrodescendente e de sua cultura é um caminho profícuo a ser trilhado por toda/o profissional de educação”, que possibilita modificar a ideologia de branqueamento imposta pela sociedade de forma errônea, pelo desconhecimento da contribuição do negro para a formação do Brasil, visto que “é importante romper com padrões sociais cristalizados e com as práticas invisíveis de reforço negativo” (MARIOSAS; REIS, 2011, p. 50).

3.2 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

De acordo com a LDB 9.394/96 a Educação Infantil constitui-se como uma etapa da educação básica, sendo o início da vida escolar da criança, tendo como objetivo o seu desenvolvimento integral, nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social, até os cinco anos de idade.

Desta forma, seus objetivos consideram que a Educação Infantil necessita priorizar a valorização de oportunidades educativas, baseando-se na confiança de que a criança é um ser

ativo do seu conhecimento, que aprende a partir das ações, reflexões e interações com um adulto, com outras crianças e com o ambiente. As DCNs afirmam que a criança é um:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p. 12)

A Educação Infantil é um período em que a criança está em pleno desenvolvimento de suas potencialidades, na qual desenvolve sua autonomia, sua identidade e estabelece interações. Diante disso, os professores necessitam ter como base a realidade das crianças como ponto de partida para o seu trabalho, assinalando sua diversidade, desenvolver atividades concretas e desafiadoras, estimulando a descoberta, ressaltando a participação e ajuda mútua.

As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios: Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2010, p. 16).

Dentro dessa perspectiva, como mostra as Diretrizes Curriculares Nacionais, a Educação Infantil deve contemplar esses princípios para que a criança possa adquirir sua formação integral. Por isso, necessita propiciar a capacidade de pensar, aprender a refletir sobre seus modelos mentais, a socializar-se e a construir sua identidade e autonomia.

É com o outro, pelos gestos, pelas palavras, pelos toques e olhares que a criança constituirá sua identidade e será capaz de representar o mundo atribuindo significados a tudo que a cerca. Seus conceitos e valores sobre a vida, o belo, o bom, o mal, o feio, entre outras coisas, começam a se constituir nesse período (SANTANA, 2006, p. 30).

Nessa etapa de formação, a criança deve ser vista como um sujeito não apenas biológico, mas, sobretudo histórico, social e cultural (VYGOTSKY, 1998). Sendo assim, exerce influência no contexto em que vive, bem como é influenciado por ele, e sua aprendizagem acontece na interação com o meio físico e social, o que é corroborado por Santana, quando relata que:

Independentemente do grupo social e/ou étnico-racial a que atende, é importante que as instituições de Educação Infantil reconheçam o seu papel e função social de atender às necessidades das crianças constituindo-se em espaço de socialização, de convivência entre iguais e diferentes e suas formas de pertencimento, como espaços de cuidar e educar, que permita às crianças explorar o mundo, novas vivências e experiências, ter acesso a diversos materiais como livros, brinquedos, jogos, assim como momento para o lúdico, permitindo uma inserção e uma interação com o mundo e com as pessoas presentes nessa socialização de forma ampla e formadora (SANTANA, 2006, p. 35).

Segundo Cavalleiro (2001, p. 46), “uma escola que não considere as especificidades da criança coloca em jogo não só o mundo a ser interiorizado pela criança, mas, principalmente, o seu lugar nesse mundo, o lugar de seu grupo social e, sobretudo, a sua própria existência”. Por isso, que a função da escola na formação do indivíduo é importante, visto que deve considerar a bagagem da criança para a partir daí estabelecer conexões que propiciem seu desenvolvimento integral.

No entendimento de Borsa (2007), no processo de socialização da criança, um dos objetivos mais importantes é a aprendizagem do certo e do errado no contexto social em que vive, de forma a interiorizar os valores que regem a sociedade e na construção da sua identidade. Para Hall (2006, p. 38), “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”, e essa construção têm início na Educação Infantil a partir dos referenciais positivos ou negativos que a criança tem contato durante sua existência.

4 POSSIBILIDADES DE TRABALHO PEDAGÓGICO COM A LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA

4.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE ALGUNS LIVROS

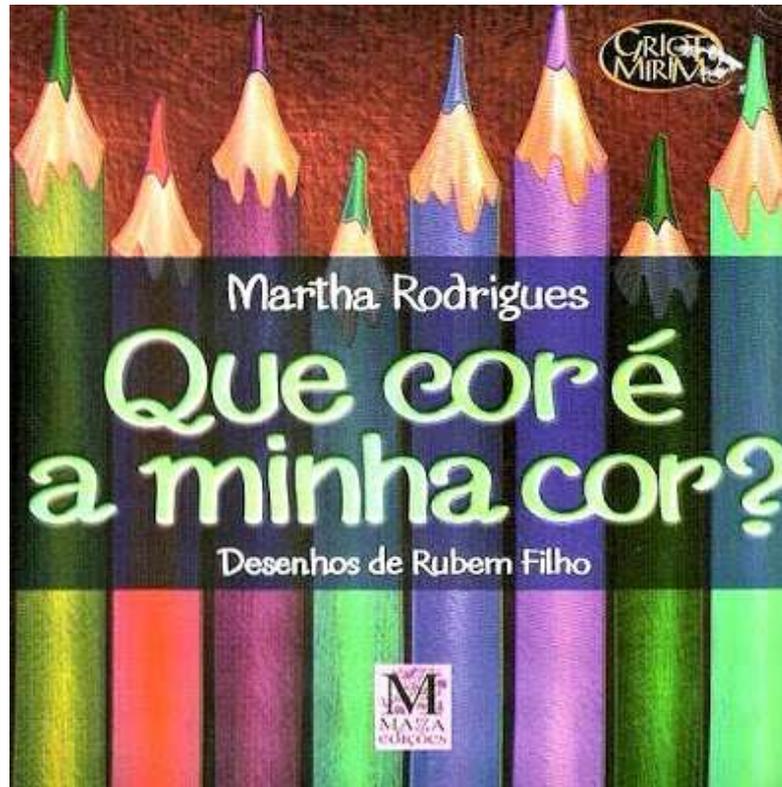
O estudo direcionou o olhar para três obras de literatura afro-brasileira infantil, para se trabalhar em sala de aula, sendo elas: “Que cor é a minha cor?”; “Minha mãe é negra sim!” e “Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!”.

4.1.1 Que cor é a minha cor?

O livro tem como autora Martha Rodrigues, foi publicado pela editora Mazza, e faz parte da coleção Griot Mirim. Ele narra a história de uma menina, que compara a sua cor com

várias coisas: lápis de cor, pé de amendoeira, madeira, café, café com leite, tons de marrom, e as pintas de um jaguar. Citando que: “Toda gente brasileira: soma de muitas raças. Diferentes etnias, misturadas ao longo do tempo...tempo...tempo”.

Figura 1 - Capa do livro: Que cor é a minha cor?



Fonte: Rodrigues (2005).

Na história percebe-se um olhar direcionado à miscigenação que deu origem à formação do Brasil, haja vista que a população brasileira é heterogênea, constituída por muitos povos e etnias: brancos, negros, mulatos, caboclos, índios, portugueses, franceses, holandeses, entre outros. Essa diversidade necessita ser trabalhada no âmbito escolar, demonstrando que somos compostos por diferenças que nos fazem únicos, e essa prática de respeito às diferenças, visa reconhecer a diversidade cultural e a autoafirmação dos alunos negros.

Quando a Constituição Federal de 1988 afirma em seu art. 3º “Constituem objetivos fundamentais da república Federativa do Brasil: [...] IV- promover o bem de todos sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1990), fica claro que é garantido a igualdade a todos os indivíduos sem distinção, por isso, o respeito às diferenças necessita ser uma realidade na sociedade brasileira.

Com isso, a instituição escolar deve utilizar literaturas que propiciem uma reflexão aos educandos, minimizando as desigualdades sociais, de forma a compreenderem que somos todos iguais perante as nossas diferenças, fruto de uma diversidade de muitas culturas, e que cada um possui suas singularidades que precisam ser respeitadas.

4.1.2 Minha mãe é negra sim!

O livro tem como autora Patrícia Santana e também foi publicado pela editora Mazza. Narra a história de Eno, um menino, que um dia na sala de aula, sua professora de Artes solicitou com dureza que ele pintasse sua mãe de amarelo porque a cor era mais bonita, o que acabou entristecendo o garoto, fazendo-o parar de desenhar, colorir e perder o sorriso.

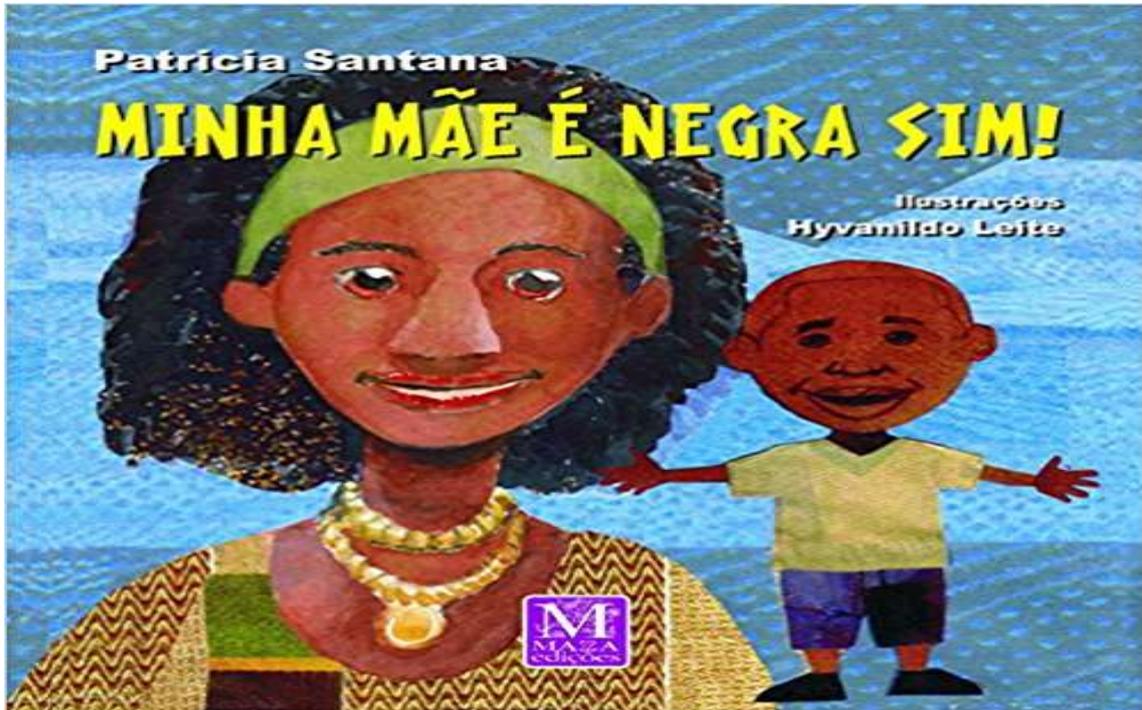
Quando chegou em casa, ele não quis abraçar o pai, que sempre o esperava chegar da escola, se escondeu no seu esconderijo no terreiro, e nem quis saber de Simba, seu cachorro. O seu pai, por achar estranho sua tristeza, esperou pela mulher a fim de descobrir o motivo da banzo (tristeza de preto, denominado nos tempos de escravidão) de Eno.

Com o passar dos dias, não queria ir á aula, inventava que tinha dor de cabeça, que tinha perdido a hora, e que a roupa estava molhada de leite. “Amuado pelos cantos Eno pensava no sentido de tudo, e não encontrava respostas. Ele era preto, seu pai e sua mãe também. Por que não podia pintar sua mãe de preto? Já ficava chateado com os apelidos que alguns meninos lhe davam, tudo era coisa ou bicho. Mas a professora dizer a ele que pintasse a mãe de amarelo? Era demais! Depois de uns dias, Eno pediu para ir á biblioteca do bairro[...]. Eno foi direto procurar no dicionário o significado da palavra preto. Lá não viu muita coisa boa, achou de novo tudo muito esquisito”[...]

Na quinta-feira como era de costume, seu avô foi visitá-lo, então Eno contou pra ele o porquê de sua tristeza. Seu avô então deu uma aula sobre racismo, e as dificuldades das pessoas negras em serem aceitas na sociedade.

Com a conversa do avô, Eno voltou a sorrir, levou seu desenho para professora cheio de orgulho e dignidade, e explicou que pintou seu desenho de preto, do jeito que era sua mãe, da cor da jabuticaba, do ébano e da beleza da noite escura, e disse que qualquer dia seu avô iria dar uma aula para todos sobre a história do povo negro.

Figura 2 - Capa do livro: Minha mãe é negra sim!



Fonte: Santana (2008).

A partir da história de Eno é possível estabelecer diversas reflexões que estimulem a consciência crítica dos educandos. Uma delas é relacionada ao preconceito, discriminação e a auto-afirmação. O fato explicitado na obra, da professora solicitar o aluno a pintar sua mãe de amarelo, por ser uma cor “mais bonita”, é uma realidade em muitas escolas.

Diante disso, é necessário que os educadores possibilitem aos educandos reconstruir suas origens, a buscarem sua auto-afirmação, sem estabelecer influências nesse processo, direcionando-os a construir sua identidade, trabalhar a auto-afirmação de cada um, respeitando suas especificidades e peculiaridades e combatendo o preconceito.

A inculcação de uma imagem negativa do negro e de uma imagem positiva do branco tende a fazer com que aquele se, não se estime e procure aproximar-se em tudo deste e dos seus valores, tidos como bons e perfeitos. Esse processo de fuga de si próprio e dos seus valores é consequência da política de branqueamento característica do Estado e das suas instituições oficiais (SILVA, 1982, p. 57).

Corroborando com a ideia segundo Santana, essa visão reducionista atribuída ao negro é consequência de uma sociedade extremamente celetista e preconceituosa, que incute padrões negativistas em relação ao negro, já que a cor da pele é segregatória, inferiorizada, o que contribui para a negação de sua imagem, diminuição de sua autoestima e disseminação das desigualdades e atitudes preconceituosas.

Dependendo da forma como é entendida e tratada a questão da diversidade étnico-racial, as instituições podem auxiliar as crianças a valorizar sua cultura, seu corpo, seu jeito de ser ou, pelo contrário, favorecer a discriminação quando silencia diante da diversidade e da necessidade de realizar abordagens de forma positiva ou quando silenciam diante da realidade social que desvaloriza as características físicas das crianças negras (SANTANA, 2006, p. 44).

Portanto, como afirma Santana, se forem dadas aos educandos a possibilidade de ter o contato com uma literatura que contemple o acesso à cultura, à origem, à diversidade e às referenciais da população negra, será possível quebrar estereótipos e minimizar preconceitos a respeito dos mesmos. E a escola tem um papel de grande relevância nesse processo propiciando esse acesso e reflexão acerca da temática.

4.1.3 Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!

O livro tem como autora Lucimar Rosa Dias e foi publicado pela editora Alvorada. Conta a história de Luanda, que tinha esse nome em homenagem a cidade de Luanda, sendo escolhido pelo seu pai, porque achava que ela seria linda como a cidade.

Ela gostava de fazer muitas coisas, pular degraus de escadas, brincar no gira-gira do parque, comer chocolate, chamar a mãe toda hora, ler muitos livros, ir à escola todos os dias, cantar, jogar bola, montar quebra-cabeça e muito mais.

Ela descreve sua família, mostrando que cada um tem um jeito: Sua mãe era baixa, magra e gostava de cuidar do jardim; seu pai era alto, pouco gordo, gostava de cozinhar, e de futebol; seu irmão mais velho era alto, forte, gostava de jogar videogame; seu irmão mais novo, era baixo, mais fraquinho, e gostava de brincar de esconde-esconde; sua avó materna era magra, alta e gostava de caminhada e ouvir rock. Por isso, cada um tinha seu jeito, cada jeito é de um, e mesmo assim todos se curtiam, se respeitavam e se amavam.

Luanda gostava da cor de sua pele, seu sorriso, sua altura, e o que mais gostava mesmo era seu cabelo crespo, cheio de rolinhos. Era muito vaidosa e cada dia ia para escola com um penteado diferente para desfilar.

Figura 3 - Capa do livro: Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!



Fonte: Dias (2012).

A história rompe com estereótipos relacionados as pessoas negras, já que atribui adjetivos às características de cada personagem de forma positiva, a própria Luanda é prova disso, quando ela cita na história: “Que gosta da cor da sua pele, do seu sorriso, da sua altura, e do que ela mais gosta mesmo é do cabelo crespo cheio de rolinhos. Ela é muito vaidosa todo dia desfila pela escola um penteado novo ,e fica sempre linda!”. Sendo assim, a estética negra é ressaltada, tendo sua identidade enquanto menina negra bem explícita e resolvida.

O destaque dado à beleza negra para pensar a construção de identidade é um tema um tanto quanto complexo. Para entender esse processo somos convidados a abrir mão de radicalismos político-ideológicos que tendem a ver a ênfase na beleza como um desvio da luta antirracista, como uma despolitização. Para avançarmos nessa discussão, é importante ponderar que, para o negro, o estético é indissociável do político. A eficácia política desse debate não naquilo que ele aparenta ser, mas ao que ele nos remete. A beleza negra nos leva ao enraizamento dos negros no seu grupo social e racial. Ela coloca o negro e a negra no mesmo território do branco e da branca, a saber, o da existência humana. A produção de um sentimento diante de objetos que tocam a nossa sensibilidade faz parte da história de todos os grupos étnico/raciais e, por isso, a busca da beleza e o sentimento do belo podem ser considerados como dados universais do humano (GOMES, 2008, p. 130).

Complementando o que diz Gomes (2008), essa autoafirmação enquanto negro, necessita ser trabalhada no âmbito escolar, através de literaturas que exaltem a beleza negra, e auxiliem na construção da identidade dos educandos, que dessa maneira se enxergam dentro da história.

4.2 OUTROS AUTORES E OBRAS DA LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA

4.2.1 Elisa Lucinda

Nasceu em Vitória, no Espírito Santo. É formada em Jornalismo, é poetisa, cantora e atriz. Possui mais de doze livros publicados. Ganhou o Prêmio Altamente Recomendável da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil). No ano de 2010, ganhou o Troféu Raça Negra na categoria Teatro. Criou a Casa Poema, que é uma instituição socioeducativa que visa capacitar profissionais, e colaborar em sua formação por meio da poesia falada.

Entre suas obras, a que mais destaca-se é “**Lili, a rainha das escolhas**”; e **A Menina Transparente**.

4.2.2 Ana Maria Machado

Nasceu no Rio de Janeiro no ano de 1941. Ganhou o Prêmio Jabuti em 1978 e o Prêmio Hans Christian Andersen em 2000, que é o prêmio mais importante da Literatura Infantil. Já vendeu cerca de 19 milhões de exemplares. Uma de suas obras é a **Menina Bonita do Laço de Fita**.

4.2.3 Heloísa Pires Lima

A escritora nasceu em Porto Alegre no ano de 1955. Se formou em Psicologia na PUC, e Ciências Sociais na USP. Tem mestrado e o doutorado na área de Antropologia Social pela USP. Promove palestras e cursos direcionados aos professores, sobre literatura e sua abordagem no que refere-se às questões étnico-raciais. Ganhou prêmios como: José Cabassa e Adolfo Aizen.

Entre suas obras destacam-se: **Histórias da Preta; O Espelho Dourado; O pescador de histórias; A semente que veio da África; O marimbondo do quilombo; Benjamin o filho da felicidade; e Toques do griô**.

4.2.4 Júlio Emílio Braz

Nasceu em Minas Gerais em 1959, no município de Manhumirim. Sua carreira de escritor teve início com roteiros de histórias em quadrinhos que foram publicadas em diversos países como: Brasil, Portugal, Bélgica, França, Cuba e EUA. Ganhou prêmios como: Austrian Children Book Award em 1997, na Áustria, pela versão alemã do livro *Crianças na Escuridão* (*Kinder im Dulkern*) e o Blue Cobra Award, no Swiss Institute for Children's Book; e o Prêmio Jabuti em 1988 por *Saguairu*.

Entre suas obras destacam-se: **O grande dilema de um pequeno Jesus; Breve crônica da Liberdade; Crianças na escuridão; Lendas Negras; Pretinha, eu?; Lendas da África; Os Meninos do Chafariz; Sikulume e Outros Contos Africanos.**

4.2.5 Lia Zatz

Nasceu em São Paulo em 1952. Possui Filosofia pela Universidade de Paris-Nanterre. Tem pós-graduação em Ciências Políticas pela Universidade de São Paulo. Iniciou seu trabalho com literatura infantil e infanto-juvenil no ano de 1987. Atua na organização do Projeto Biblioteca Viva, que visa montar bibliotecas e capacitar educadores em entidades que atendem crianças carentes. Ganhou o Prêmio APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte), e o selo Altamente recomendável da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil).

Entre suas obras destacam-se: **Série Marrom da Terra; Suriléa-mãe-monstrinha; João x Sultão; Aventura da Escrita – História do desenho que virou letra; Galileu-Leu; Tarsila; Lasar Segall – O pintor das Almas; Dadá Bordando o Cangaço; O Cachecol; Pagu; Adélia Cozinheira; A menina que não queria ser top model; Frida Kahlo; Jogo Duro; Bruxapéu; Uana e Marrom da Terra; Tenka Preta Pretinha; Luanda, filha de Iansã; Manu da noite enluarada; e Papí, o construtor de pipas.**

4.2.6 Rogério Andrade Barbosa

Nasceu em Minas Gerais, no município de Resplendor, no ano de 1952. É escritor, professor e ex-voluntário das Nações Unidas na Guiné-Bissau. Possui Graduação em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Pós-graduação em Literatura Infantil Brasileira na UFRJ. Ganhou prêmios como: Altamente Recomendável para Crianças e Jovens da FNLIJ

(Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil); Lista de Honra do IBBY, na Suíça; e o Prêmio da Academia Brasileira de Letras de Literatura Infanto-Juvenil.

Entre suas obras destacam-se: **Vuula, a mulher canibal; Em Angola tem? No Brasil também!; Os gêmeos do tambor; ABC do continente africano; Bichos da África; Como as histórias se espalharam pelo mundo; O filho do vento; Contos Africanos para crianças brasileiras; e Madiba, o menino africano.**

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de conclusão de curso teve como tema: o papel da literatura infantil afro-brasileira na construção identitária das crianças negras, pelo fato de perceber que nos momentos de contação de história havia uma preferência na utilização dos contos clássicos tradicionais, a exemplo de Cinderela, A bela adormecida, Branca de Neve e os sete anões, Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, entre outros, privilegiando as representações brancas, as suas tradições culturais, por meio de príncipes, princesas, fadas, heróis, que eram marcados pela ausência da identidade da criança negra.

Por entender que a Educação Infantil é um período no qual ocorre o desenvolvimento integral da criança, torna-se imprescindível que o ambiente escolar propicie momentos que contemplem temas como a diversidade, o respeito às diferenças, bem como bases que estimulem sua autonomia e construção da identidade por meio da dimensão social, em que o meio externo influencia o conceito de si mesma.

Com isso, ao analisar de que maneira a literatura afro-brasileira pode ser uma ferramenta na valorização da identidade racial na Educação Infantil, pude perceber que a literatura exerce influência no modo de agir da criança e de enxergar o mundo no qual está inserido, todavia era utilizada há tempos antigos como meio de diversão e entretenimento, mas no contexto atual, tem um caráter pedagógico fortemente presente, e uma intencionalidade pré-estabelecida pelo professor em seu planejamento.

Como a literatura afro-brasileira tem como finalidade a valorização e visibilidade da história do povo negro, abordar a resistência a escravidão e suas consequências, os heróis negros e suas tradições culturais e religiosas e a valorização de suas características estéticas, contribui de maneira significativa para gerar novos esquemas mentais em relação ao racismo, ao preconceito seja de qual origem for, os estereótipos negativistas e a inferiorização da imagem do negro.

Inserir esse tipo de literatura em sala de aula de forma contextualizada e com intencionalidade, permite aos educandos adquirir noções de respeito às diferenças, a diversidade e tolerância, mesmo que as visões sejam divergentes é necessário haver o respeito e a tolerância para com o outro e suas escolhas, também possibilita a construção da identidade da criança, visto que o meio externo influencia nessa formação.

A cor da pele, o tipo de cabelo, as características faciais, como o formato dos lábios e nariz, são aspectos utilizados para estereotipar a população negra, associando a feiura, o que contribui para a negação e rejeição da identidade da criança negra, por não se sentir parte desse contexto de inferioridade e do seria feio diante dos padrões de branqueamento estabelecidos pela sociedade como belo.

Quando essas características da população negra, em seu padrão estético é valorizado e exaltado em narrativas da literatura afro-brasileira, mostrados de maneira positiva e associado ao belo, auxilia para a elevação da autoestima, auto-percepção e autoafirmação da criança negra.

Ao entender esse contexto, pude perceber que esse tema contribui de forma inequívoca para a minha formação, tanto como auxiliar de disciplina, pelo fato de atuar nessa área, e poder colaborar no cotidiano escolar com a aprendizagem adquirida através do estudo, bem como para a minha formação enquanto futura pedagoga, haja vista que poderei trabalhar de forma consciente com meus alunos a temática, buscando auxiliar no seu desenvolvimento pessoal e social.

A partir das informações que obtive através da pesquisa, pude compreender que a utilização da literatura infantil afro-brasileira deve ser contextualizada com a vivência dos educandos, com objetivo pedagógico que contemple as dimensões explicitadas pelos DCNs, e não como mera exigência curricular devido a lei 10.639/03 em que há obrigatoriedade da inserção do ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na educação, assim como a lei 11.645/08 que trata da obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino, como é visto em diversos ambientes escolares.

As questões relacionadas às características dos negros e sua valorização na literatura infantil afro-brasileira, visam responder a problemática que deu origem ao estudo: Como a literatura infantil afro-brasileira pode contribuir na construção identitária e cultural das crianças negras da Educação Infantil, a partir de seus contos, figuras e imagens? Pelo que foi citado anteriormente, pode auxiliar para a elevação da autoestima da criança, sua auto-percepção e autoafirmação enquanto pertencente a população negra e no respeito à diversidade.

A partir do momento em que esses padrões estéticos e estereótipos são desconstruídos, bem como o protótipo ideológico, a criança se sente parte da história, consegue aceitar o grupo étnico que pertence, pelo fato de possuir um referencial cultural e estético no qual se espelhar, o que é transmitido por uma das obras citadas no capítulo IV, chamada “Cada um é de um jeito, cada jeito é de um!”, quando a personagem Luanda diz que a parte que mais gosta nela, são os cabelos crespos, cheios de rolinho, que adora inovar nos penteados para desfilar na escola.

Quando uma criança convive em um meio em que é considerado padrão estético ter os cabelos lisos, e ela tem os cabelos crespos, já há uma rejeição e negação de uma característica marcante da população negra, por isso os exemplos e modelos mostrados pela literatura afro-brasileira no contexto escolar são importantes para quebrar preconceitos e estereótipos.

Por isso que Munanga traz essa concepção a respeito da identidade, sobre a necessidade de se ter a consciência da diferença entre eu e os outros, e das especificidades de cada um. Nessa perspectiva, cabe ao professor levantar essas questões étnico-raciais na sala de aula de forma a mostrar a imensa diversidade que compõe o Brasil, e que somos todos iguais nas diferenças.

Portanto, a utilização da literatura infantil afro-brasileira no contexto escolar, se utilizada com propósito pré-determinado e com finalidade pedagógica, pode estabelecer um instrumento de abordagem das questões étnico-raciais, tendo como objetivo desconstruir preconceitos e estereótipos estabelecidos pela sociedade brasileira equivocadamente, na formação da identidade da criança, na valorização da cultura negra, no combate ao racismo, bem como seus comportamentos e atitudes, e na transmissão de valores morais e culturais essenciais para a convivência em sociedade.

É lógico que trabalhar as relações étnico-raciais não é uma tarefa fácil, já que há resistência e dificuldade em se trabalhar a temática corretamente, sendo mais fácil ler os contos clássicos, ou mesmo utilizar a literatura para fins de entreter o aluno, mas a inserção da literatura afro-brasileira promove uma educação multicultural e antirracista, e a escola por ser uma instituição formadora necessita introduzir a temática em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fany. **Literatura Infantil Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione, 1991.

ALVES, Miriam. **Cadernos negros**. São Paulo: Editoras dos Autores, 2002.

AMARAL, Ligia. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, J. G. (Coord.). **Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998. p. 11-30.

ARAÚJO, J. A. **A atuação das Organizações Negras Baianas no campo da educação no período de 1970 a 1990**. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

ARAÚJO, J. A.; MORAIS, R. S. Resignificando a história e a cultura africana e afro-brasileira na escola. **Artifícios**: revista do Difere, Belém, v. 3, n. 6, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.artificios.ufpa.br/Artigos/Revista6/artigo%20jurandir.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2017.

_____. A relevância em se trabalhar a literatura infantil afro-brasileira na Educação Infantil. **Africanias.com**, Salvador, v. 5, 2014. Disponível em: <http://www.africaniasc.uneb.br/pdfs/n_5_2014/jurandir_de_almeida_araujo.pdf>. Acesso em: 10 maio 2017.

BARREIROS, R. C. Leitura e formação identitária na literatura infantil afro-brasileira. In: SEMINÁRIO NACIONAL EM ESTUDOS DA LINGUAGEM, DIVERSIDADE, ENSINO E LINGUAGEM, 2., 2010, Cascavel. **Anais...** Cascavel: UNIOESTE, 2010. Disponível em: <http://cac-php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD_IISnell/pages/simposios/simposio%2022/leituraa%20e%20formacao%20identitaria%20na%20literatura%20infantil%20afrobrasileira.pdf>. Acesso em: 10 maio 2017.

BORSA, J. C. O papel da escola no processo de socialização infantil. **Psicologia.com.pt**, [S. l.], 2007. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0351.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 jun. 2017.

_____. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil / Secretaria de Educação Básica**. Brasília, DF: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <http://www.siteal.iipe.unesco.org/sites/default/files/bra-_educacion_infantil.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2017.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e antirracismo na escola: repensando nossa escola.** São Paulo: Selo Negro, 2001.

_____. Discursos e práticas racistas na educação infantil: a produção da submissão social e do fracasso escolar. **Cad. Educação**, [S. l.], n. 3, mar. 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil juvenil.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas Ciências Sociais.** Lisboa: Fim de Século, 1999.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática.** 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.

D'ADESKY, Jacques. **Racismos e antirracismos no Brasil: pluralismo étnico e multiculturalismo.** Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DIONÍSIO, Eliane Rabello Correa. **Desconstrução do preconceito: Menina bonita do laço de fita; de Ana Maria Machado.** 2010. 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: <<https://www.cesjf.br/mestrado-em-letras-dissertacoes/2010/445--53/file.html>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

DIAS, Lucimar Rosa. **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!** Campo Grande: Alvorada, 2012.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico.** São Paulo: Atlas, 2000.

DUTRA, Robson. **O ensino das literaturas africanas e afro-brasileira e os desafios à práxis educacional e à promoção humana na contemporaneidade.** In ROCHA, José Geraldo; NOVIKOFF, Cristina (orgs) *Desafios na Práxis Educacional à Promoção Humana na Contemporaneidade.* Rio de Janeiro: Espalhafato Comunicação, 2010.

ERIKSON, Erik. **Identidade, juventude e crise.** Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

FONSECA, M. V. **A educação dos negros: uma nova face do processo de abolição da escravidão no Brasil.** Bragança Paulista: ESUSF, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOMES, Edson. **Cão de raça: história de Brasil, reggae e resistência.** São Paulo: EMI, 1988.

_____. Escola e diversidade étnico cultural: um diálogo possível. In: DAYRELL, Juarez. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

_____. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, E. S. (Org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Selo Negro, 2001.

- _____. Educação e diversidade étnico-cultural. In: RAMOS, M. N.; ADÃO, J. M.; BARROS, G. M. N. (Coords.). **Diversidade na educação: reflexões e experiências**. Brasília, DF: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003.
- HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- LIMA, Heloísa Pires. **Histórias da Preta**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.
- LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- MACHADO, V. **Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais**. Salvador: EDUFBA-SMEC, 2002.
- MALHOTA, N. **Pesquisa de marketing**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- MARIOSIA, G. S.; REIS, M. G. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. **Est. Literária**, Londrina, v. 8, p. 42-53, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8AArt06.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2017.
- MINAYO, M. C. de S. et al. (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos Penesb (Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira)**, Rio de Janeiro, n. 5, 2004. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2017.
- PARAFITA, Alexandre. Tentativa de (re)definição do conceito de literatura infantil. In: MESQUITA, Armindo. **Pedagogias do imaginário: olhares sobre a literatura infantil**. Porto: Asa, 2002. p. 207-210.
- PEIXOTO, F. L. **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Programa A Cor da Bahia, FFCH/UFBA, 2013.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- PRESTES, Maria Luci. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 2. ed. São Paulo: Rêspel, 2003.
- PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

ROCHA, Natércia. **Breve história da literatura para crianças em Portugal**. Lisboa: ICALP. Biblioteca Breve. 1984.

RODRIGUES, Martha. **Que cor é minha cor?** Belo Horizonte: Mazza, 2005.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1985.

SANTANA, P. S. Educação Infantil. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília, DF: SECAD, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_eticoraciais.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2017.

SANTANA, Patrícia. **Minha mãe é negra sim!** Belo Horizonte: Mazza, 2008.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: CEAQ, CED, 1995.

SILVA, Consuelo Dores. **Negro, qual é o seu número?** Belo Horizonte: Mazza, 2004.

SILVA, M. R. A literatura infanto-juvenil de matriz afro-brasileira. **Cadernos Imbondeiro**, João Pessoa, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ci/article/view/13524>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Prática do racismo e formação de professores. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

SILVA, Vítor de Aguiar. **Teoria da literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

SOUSA, Jesualdo. **A literatura infantil**. São Paulo: Cultrix, 1978.

SOUZA, Forentina; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SOUZA, Maria Elena Viana. Construção da identidade dos alunos negros e afrodescendentes: alguns aspectos. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., Caxambu, 2005. **Anais...** [S. l.], 2005. Disponível em: <<http://28reuniao.anped.org.br/textos/gt21/gt211276int.rtf>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

REVISTA Eletrônica Pró-Docência. Londrina, v. 1, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/>>. Acesso em: 10 maio 2017.

VELOSO, Rui Marques. **A obra de Aquilino Ribeiro para crianças**. Porto: Porto Editora, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro, R.S.: Objetiva, 2005.